

**PARAPSAENYTHIA INORNATA SP.N. DO NOROESTE DO BRASIL
(HYMENOPTERA, APOIDEA, ANDRENIDAE)¹**

Jesus Santiago Moure²

ABSTRACT. *PARAPSAENYTHIA INORNATA* SP.N. FROM NORTHWEST BRASIL. A small black *Parapsaenythia* is described from Vilhena, Rondônia, Brasil. This species can be easily distinguished by lacking yellow and ferruginous marks. It is very densely and finely punctured and marginal depressions marked. *Parapsaenythia costaricensis* Friese, 1921, is excluded from this genus, and some comments are made on *Parapsaenythia fusca* Vachal, 1909.

KEY WORDS. Andrenidae, *Parapsaenythia*, bee sytematics, Neotropical Brasil

Poucas são as novidades referentes a este gênero de Panurginae, e mesmo só agora as Abelhas do Noroeste Brasileiro vem merecendo a atenção dos pesquisadores, retomando os trabalhos resultantes das viagens de Ducke ao Norte e Nordeste na primeira década do século.

Fez-se uma revisão do que se conhecia de *Parapsaenythia* em 1947, estabelecendo a sinonímia para várias denominações existentes para estas abelhas.

Entre 1956-58 tive ocasião de estudar tipos de espécies de Apóideos Neotropicals em vários Museus dos Estados Unidos e da Europa. Em Março de 1958, no Laboratoire d'Entomologie – Museum National d'Histoire Naturelle, em Paris, não se encontrou o tipo de *Parapsaenythia fusca* Vachal, 1909 na coleção Sichel onde a ubicou Vachal. Foi descrita simplesmente como “1♀ du Brésil”. Não se procurou mais por ela em visitas subseqüentes, pois os esforços de Kelner-Pillaut, responsável pela Seção de Hymenoptera, também tinham sido em vão.

Há algumas diferenças com a presente espécie, principalmente quanto à pontuação e projeção do clipeo. Em *P. inornata* o bordo do clipeo está abaixo da tangente inferior das órbitas apenas um quarto do comprimento do olho e a pontuação muito forte e densa, com os intervalos careniformes, enquanto que em *P. fusca* diz VACHAL (1909): “Le chaperon est assez allongé et dépasse de moitié le niveau du bord inférieur des yeux, il est vaguement semé de gross points”. Segurança somente com o estudo do tipo.

Viu-se entretanto exemplares típicos de *P. puncticutis* (Vachal, 1909), confirmando interpretação de 1947.

No “The Natural History Museum” de Londres tive em mãos um exemplar de *Parapsaenythia costaricensis* Friese, 1921, procedente de San Mateo, Costa

1) Contribuição número 1000 do Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.

2) Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná. Caixa Postal 19020, 81531-990 Curitiba, Paraná, Brasil. Bolsista do CNPq.

Rica, sem desenhos amarelos e determinado posteriormente à descrição da espécie pelo mesmo Friese. Realmente não é uma *Parapsaenythia*, mas pertence a um dos grupos de *Panurginae* da América do Sul ainda não completamente definidos, porém comparável a *Panurgillus vagabundus* (Cockerell, 1918) com duas células submarginais e sem pilosidade nos olhos. Este grupo está sendo reestudado por RUZ (1991). Realmente os “*Panurginus*” Neotropicais não são comparáveis às espécies Norteamericanas bastando comprar a venação alar. Por isso é um tanto estranha a citação de FRIESE (1921) com referência a este Panurgini, primeiro ao designá-lo como *Parapsaenythia argentina*, e depois descrevê-lo na página 9 como *P. costaricensis*, tendo como tipo o exemplar de S. José.

Na introdução compara-a com *P. argentina*, mas amplia seu conceito genérico quanto à venação alar: “aber Vorderflügel nur mit 2 Kubitalzellen (2. Kubitalquerader nicht ausgebildet)”. Não há referência quanto à pilosidade dos olhos. Aliás na descrição de *Parapsaenythia* em 1908 foi extremamente breve, destacando apenas: “Wie *Psaenythia*, aber ohne gelbe Zeichnungen, mit sehr grober und tiefer Skulptur, wie bei europ. *Nomia*-Arten, Clypeus normal, fast so lang wie breit, vorgewölbt; Sammelapparat, Mundteile und Flügelgeäder wie *Psaenythia*, auch die Bildung der Calcaria an den Beinen.”

DUCKE (1912) é quem faz referência expressa à pilosidade nos olhos: “Augen behaart, was bei mir bekannten Biennen sonst nur noch bei der Gattungen *Apis* und *Coelioxys* sowie bei manchen *Halictus* vorkommt”. BRÈTHES (1909) já havia feito referência a esse carácter extraordinário. Duce quando descreve seu *Caenohalictus serripes*, em 1908, reformula a descrição de *Caenohalictus* Duce, 1908, nec Cameron, 1903, como: “Je définirai le genre *Caenohalictus* comme Abeilles voisines dans le système des genres *Halictus* et *Nomia*, mais avec les yeux fortement revêtus de poils”. Aparentemente as observações de Duce passaram despercebidas para Brèthes, 1909, que diz: “Aunque el Dr. Friese no diga nada á ese respecto, pienso que los ojos de su *Parapsaenythia argentina* han de ser pilosos como en la especie que aquí describo. En tal caso creo que este carácter es más que suficiente para elevar de rango de género dicho subgénero de Friese. Por lo demás, la nervación alar, la puntuación del cuerpo, sin sus dibujos, son de *Psaenythia*”. Ver Duce, 1912:86.

Parapsaenythia inornata sp.n.

Fêmea. Relativamente pequena: Comprimento total aproximado 7,41mm, da asa anterior 5,58mm; largura da cabeça 2,25mm, do segundo terço 2,23mm.

Inteiramente preta, sem desenhos amarelos; nos terços as depressões marginais pardo-escuras. Tégulas castanho-escuras, com uma mancha preta ântero-distal, pontuadas, curto-pilosas; as asas um pouco escurecidas, venação e estigma pardo-negros.

Pilosidade branca na face muito escassa e os pêlos decumbentes, no vértice erecta (até 100 μ); nos olhos cerca de 60 μ , um pouco para o ocráceo. No pronoto branca, rala; no mesoscuto e escutelo praticamente nula (50x), nos mesepisternos branca, curta e escassa; nos trocanteres mais escura e nas extremidades das tíbias amarelenta, nos basitarsos quase branca; na escopa e basitarsos posteriores esbran-

quçada. No propódeo mais desenvolvida esbranquiçada; nos dois primeiros tergos só com alguns pêlos laterais, nos seguintes escassa porém avançando para o disco, levemente ocrácea principalmente no sexto tergo; as depressões marginais mais glabras; mais desenvolvida nos esternos, nos últimos amarela.

Pontuação densa na frente (30 μ), os intervalos careniformes deixando pequena área lisa antecelar; quase igual nas paroculares com alguns intervalos careniformes um pouco anastomosados, formando finas rugas longitudinais incompletas; na supraclipeal como na frente; no clipeo um pouquinho mais grossa e ligeiramente mais esparsa, alguns intervalos chegando a 1,5dp (dp = diâmetro de ponto) e muito delicadamente reticulados e principalmente nas placas subantenas; nas genas mais fina parcialmente coberta pela pilosidade; placa labral absolutamente lisa. No mesoscuto densa, um pouco menos para o disco posterior, os intervalos até 1dp e muito delicadamente tesselados; no escutelo quase igual à do mesoscuto e para cada lado um pouco mais esparsa como no disco posterior do mesoscuto; mais fina e mais densa no metanoto; nos mesepisternos quase como no mesoscuto, mais densa, os intervalos 0,5dp mais levemente reticulados. Densa e mais fina no propódeo, com alguns pontos grossos (até 60 μ) na área basal e uma forte carena média. Densa nos tergos, semelhante à dos lados do mesoscuto; nas depressões marginais muito mais fina e densíssima deixando as extremidades na base e no ápice muito estreitamente lisas.

Cabeça mais larga que longa (225: 160), as distâncias interorbitais superior, média e inferior um pouco maiores que o comprimento do olho (Olho = 118/60: interorbitais 135: 145: 140); a face um pouco inchada, a distância interocelar pouco mais de um diâmetro do ocelo médio e a ocelorbital quase duas vezes (20: 37: d18); as fôveas faciais grandes e alongadas (34: 10), de lados subparelelos; as áreas sub-antenas grandes (40: 34); a placa labral transversa, com os cantos anteriores arredondados, bem mais larga que longa (45: 20) com os pelos anteriores tão longos como esse comprimento (20); área malar linear (4); escapo (62/17), o flagelômero basal quase tão longo como os dois seguintes juntos (22: 14: 12), o último o maior (32: 21). As depressões marginais dos tergos muito marcadas.

Holótipo fêmea. BRASIL, Rondônia: Vilhena, 2-XII-1966, Claudionor Elias leg., Projeto "Polo Noroeste". Depositado na Coleção Pe. J.S. Moure, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.

Trata-se de uma pequena espécie de *Parapsaenythia* facilmente separável das demais pela falta de desenhos amarelos e ferrugíneos, como indica o nome específico: *P. inornata*. As depressões marginais são bem destacadas. As fôveas faciais alongadas e a pilosidade dos olhos bem evidente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRÈTHES, J. 1909. Hymenoptera Paraguayensis. **An. Mus. Nac. Bs. Aires** 19 (3): 225-256.
- COCKERELL, T.D.A. 1918. Some bees of the genus *Panurginus* (Hym.). **Entomol. News** 29: 169-171.
- DUCKE, A. 1912. Die natürlichen Bienengenera Südamerikas. **Zool. Jahrb. Abt.**

- Syst. 34:** 51-176
- FRIESE, H. 1908. Die Apidae (Blumenwespen) von Argentina. **Flora og Fauna 10:** 1-94.
- . 1921. Nachtrag zur Bienenfauna von Costa Rica. **Stett. Ent. Ztg. 82:** 73-98
- MOURE, J.S. 1947. Notas sobre algunas abejas de la provincia de Salta. (Hymen. Apoidea). **Rev. Soc. Entomolog. Arg. 13:** 218-253.
- RUZ, L. 1991. Classification and Phylogenetic Relationships of the Panurginae Bees: The Caliopsinae and Allies (Hymenoptera, Andrenidae). **Univ. Kansas Sci. Bull. 54 (7):** 209-256.
- VACHAL, J. 1908-1910. Espèces nouvelles ou litigieuses d'apidae du Haut Bassin du Paraná. **Rev. d'Entomol., Caen, 27 (1908):** 221-244; **28 (1908):** 5-16; **28 (1909):** 17-32, 33-64; **28 (1910):** 65-72.

Recebido em 05.VI.1997; aceito em 18.VIII.1998.